



O POETA DO SER E DO MUNDO: DRUMMOND SOB A PENA CRÍTICA

Bruno Pereira dos Santos (UFSCar)¹

Resumo: Queremos neste trabalho refletir sobre a relação do ser com o mundo na poética de Drummond. Apoiaremos na obra *Vários escritos* (1977), do crítico literário brasileiro Antonio Candido. Para Candido a arte serve para “estimular o nosso desejo de sentir a vida em resumo” (2004, p.26). Nesta relação do ser com o mundo, refletiremos como Drummond se colocava no mundo de forma que sinta necessidade do outro? E o que se entende por inquietações em Drummond segundo Candido? Buscaremos vê-lo como um ser no mundo e com o mundo, refletindo a partir de suas inquietações que podem buscar este “sentir a vida” de forma simples, mas com uma força na de relação ser e mundo, o que lhe dá uma complexidade poética.

Palavras chave: Drummond. Poética. Ser. Forma. Mundo.

Abstract: In this work, we want to reflect on the relationship between the being and the world in Drummond's poetics. We will support the work *Various Writings* (1977), by the Brazilian literary critic Antonio Candido. For Candido, art serves to “stimulate our desire to feel life in short” (2004, p.26). In this relationship between being and the world, will we reflect on how Drummond placed himself in the world so that he felt the need for the other? And what is meant by restlessness in Drummond according to Candido? We will seek to see him as a being in the world and with the world, reflecting from his concerns that he can seek this “feeling life” in a simple way, but with a strength in the relationship between being and the world, which gives him a complexity poetic.

Keywords: Drummond. Poetic. To be. Form. World.

Ao levantar reflexões sobre a forma no romance e na poesia e entendê-la como essencial na composição do fenômeno literário. E indagar a respeito da forma na obra científica como algo fechado diferente da obra artística que se apresenta de maneira aberta, onde temos a possibilidade de vê-la como social e por meio dela podemos proceder às relações entre vida externa e interna. Queremos neste trabalho levantar alguns questionamentos acerca da forma na poesia, e refletir sobre o poeta e sua aproximação com o mundo para melhor compreendê-lo. Na forma, o poeta molda realidades e testemunha sua percepção de mundo que pode ser imperceptível na vida social. E essa percepção é transformada em “obra prospectiva que avança pelo presente e impele para o futuro” (PERRONE-MOISÉS, 1993, p.73).

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED) pela UFSCar - Câmpus Sorocaba, SP, Brasil. E-mail: brunopprof@hotmail.com



Ao indagar que a forma resgata a multiplicidade vazia do mundo e dá-lhe um sentido, no caso do poeta artístico, não temos nesse aspecto uma cópia da realidade, mas outra realidade. Assim, conforme Lukács “A arte [...] não é mais uma cópia, pois todos os modelos desapareceram” (2009, p. 34). Temos uma forma de mundo na poesia que não está acabada como algo transcendental e permite uma abertura para outras realidades. Drummond pela sua inquietude transforma um acontecimento em objeto poético, como podemos ver na poesia *A morte do leiteiro*:

Então o moço que é leiteiro
de madrugada com sua lata
sai correndo e distribuindo
leite bom para gente ruim.
Sua lata, suas garrafas,
e seus sapatos de borracha
vão dizendo aos homens no sono
que alguém acordou cedinho
e veio do último subúrbio
trazer o leite mais frio
e mais alvo da melhor vaca
para todos criarem força
na luta brava da cidade [...] (2010, p.178).

Na estrofe que é a segunda do poema, temos dois pontos entre outros que podemos destacar. Primeiro é a dedicação de uma pessoa simples e trabalhadora com: Sua lata, suas garrafas,/ e seus sapatos de borracha/. Traz consigo algo que irá alimentar, dar o sustento necessário à cidade que acorda. Ele sente a necessidade ainda que subjetiva de ser visto. Há um distanciamento de valores, pois este que vem com o leite “veio do último subúrbio” de uma região à margem da realidade de onde ele está.

Outro ponto é a aproximação de duas realidades entrelaçadas pela precisão de um alimento que dá vida (força) para uma cidade que espera o “leite mais alvo da melhor vaca,” “para gente ruim.” Cidade que é vítima de uma realidade social que enfrenta o medo, acuada tenta uma proteção que emerge de suas possibilidades de proteção particular voluntária. E aquele que vem de longe acaba sendo vítima do social, que em Drummond é uma inquietude.

Meu leiteiro tão sutil,
de passo maneiro e leve,
antes deslizava que marchava.
É certo que algum rumor
sempre se faz: passo errado,



vaso de flor no caminho,
cão latindo por princípio,
ou um gato quizilento.
E há sempre um senhor que acorda,
resmungando e torna a dormir.

Mas este acorda em pânico
(ladrões infestam o bairro),
não quis saber de mais nada.
O revólver da gaveta
saltou sua mão.
Ladrão? Se pega com tiro.
Os tiros na madrugada
liquidaram meu leiteiro.
[...]

Quem quiser que chame médico,
polícia não bota a mão
neste filho de meu pai.
A noite geral prossegue,
a manhã custa a chegar,
mas o leiteiro
estatelado, ao relento,
perdeu a pressa que tinha [...] (2010, p.179-180).

Na forma aberta do poema, Drummond não deixa remoto um acontecimento do dia a dia, toma posse ao dizer “meu leiteiro,” “filho de meu pai,” como se quisesse mostrar ser um de nós, pertencente à nossa família. Talvez, algo que seria apenas um fato do cotidiano e estampado no jornal compondo a estatística da cidade, aumentando o medo e autoproteção.

O poeta toma para si o evento social e transforma em arte. A poesia tira aquele simples leiteiro do anonimato e em sua forma à linguagem vai trabalhar a realidade sentida pelo eu do poeta que de certa forma se identifica com um fato que não deixa passar despercebido e, “Na forma eu encontro a mim mesmo” (BAKHTIN, 1990, p.58). Este sentimento de compaixão que encontramos no poema dá forma e nome ao que o cotidiano já dava por perdido, como se o poeta buscasse no outro a si próprio, tentando se localizar no mundo. Segundo Candido:

Os dois primeiros livros de Calos Drummond de Andrade são construídos em torno de um certo reconhecimento do fato. O sentimento, os acontecimentos, o espetáculo material e espiritual do mundo são tratados como se o poeta se limitasse a registrá-los, embora o faça de maneira anticonvencional preconizada pelo Modernismo. Este tratamento, mesmo quando insólito, garantiria a validade do fato como objeto poético bastante em si, nivelando fraternalmente o Eu e o mundo como assuntos de poesia (1977, p. 67).



Podemos encontrar este sentimento na forma poética de João Cabral de Melo Neto no poema: *Morte e vida severina*. Onde os retirantes do sertão vão em busca de vida. Cabral pode trabalhar de forma tão abrangente quanto Drummond ao dar voz aos indivíduos marginalizados do sertão. Sua abrangência se dá por duas interfaces: o sertanejo na sua singularidade Severino que tenta se localizar como de “Maria [...] Maria do finado Zacarias [...] Zacarias lá da serra da Costela” (MELO NETO, 2010, p. 102-103). Um Severino que precisa ser localizado, e sente esta necessidade de que o vejam e, vendo-o reconheçam-no. Em outro ponto, temos os vários severinos já de forma pluralizada, e neste momento severino deixa de ser nome próprio para marcá-los como sofredores de uma vida severa:

Somos todos Severinos.
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas,
e iguais também porque o sangue,
que usamos tem pouca tinta.
E se somos Severinos
iguais em tudo na vida,
morremos de morte igual,
mesma morte severina [...] (MELO NETO, 2010, p. 103)

Todos sentem como se seus destinos se cruzassem de alguma forma, a morte seria igual, restando-lhes serem carregados pelos piedosos “*Irmãos das Almas*” Melo Neto (2010). Diante deste fato comum para o cotidiano daquela realidade são abandonados aos olhos da sociedade, assim como o leiteiro. Porém, aos olhos do poeta que não vê a realidade de uma forma distante, esses pobres ganham vida e voz. O leiteiro e os retirantes não estão só estão com o ser poético na sociedade que os assiste de perto empáticos.

O poeta na modernidade não pode respirar sozinho num mundo fechado, pois inventa uma realidade e faz uma relação entre o seu eu e o mundo que crescem e na voz do poeta entrelaçada as outras, tenta criar vozes a serem ouvidas em forma de texto aberto, em forma de arte.

A morte do leiteiro e a vida sofrida dos retirantes poderiam ser um fato entre outros passados em branco, mas não para Drummond, Cabral e para Raquel de Queiroz em *O quinze*,



são inquietudes transformadas em poemas e prosa. Esses acontecimentos são como “O fogo que arde na alma [...] distinguem-se eles nitidamente, o mundo e o seu eu, a luz e o fogo, porém jamais se tornarão para sempre alheios um ao outro” (LUKÁCS, 2009 p. 25). Neste aspecto, a lógica do poeta está na leitura que ele faz do real, dignificando o que muitos não dão atenção, e saem do senso comum em apenas disser: mataram meu leiteiro. Ou morreu porque aqui é assim mesmo. O poeta vai além, sua visão é afinada e sensível, para ele há uma deformidade social, sua inquietude com relação às questões de sua época mostra “para o poeta que o mundo social é torto” (CANDIDO, 1977, p. 103).

Esta visão social coloca o ser em uma condição torta, pois, o mundo é torto. O homem faz parte desta sociedade deslocada em sua passividade moral, o indivíduo que matou o pobre leiteiro, causa uma deformação na sociedade, pois tirou a vida de um ser sem culpa, mas ele também é vítima desta tortura social vista por Drummond que transforma esta tortura em matéria poética que “investiga a máquina retorcida da alma” (CANDIDO, 1977, p.103). Uma vez que se sentindo ameaçado pela violência tenta se defender, não quer ser vítima, mesmo já sendo vitimado. O poeta mesmo estando distante se coloca no acontecimento, como se buscasse por meio de uma fresta no tempo e espaço tê-lo como objeto poético, que para Candido é uma inquietação.

A criança e o velho presente no eu poético

A inquietude para Candido é como matéria-prima do poeta para compor suas poesias, bem como “manifestam o estado de espírito” (CANDIDO, 1977, p. 70) do poeta, que está também na relação do próprio eu. Apesar de *gauche* Drummond não está do lado errado da vida, como um desqualificado. O poeta usa esta condição de (destrambelhado) como matéria de sua composição, sendo *gauche* “sem” compromisso com as coisas ao seu redor, transmite para o seu ser poético e para poesia uma forma livre, descompromissada.

Essa figura nos lembra Carlitos, personagem criado no século XX por Charlie Spencer Chaplin (1889-1977), que estando no mundo estabelece com ele uma relação, mas sem compromisso. Visto sem responsabilidades, porém com certa inquietude que pode fazer do ser descompromissado um ser com o mundo, assim entendemos que esta é a forma que Drummond encontrou de ser poeta, um *gauche*.



A maneira encontrada por ele nos leva refletir, como leitores, que nem tudo na vida são glórias, vitórias, sucessos, etc. O que nos leva, enquanto homens e mulheres, ver nossa humanidade (humos = terra, pó), colocando-nos em uma posição inferior em relação ao mundo, mesmo fazendo parte dele. No mundo torto há o homem torto, que tenta consertar o externo antes de se consertar.

Na poesia de Drummond, o centro é o próprio eu, sendo contemplado no mundo e, ao mesmo tempo criando uma relação com ele. Contemplação, que ocorre no presente, olha para o passado e nos permite pensar por meio do poeta a vida de forma um pouco mais completa.

Segundo Candido:

O passado, trazido pela memória efetiva, oferece farrapos de seres contidos virtualmente no seu inicial, que se tornou, dentre tantos outros possíveis, apenas o eu insatisfatório que é. Ora, o passado é algo ambíguo, sendo ao mesmo tempo a vida que se consumou [...] e o conhecimento da vida, que permite pensar outra vida mais plena (1977, p. 99).

Também por meio da memória fragmentada, podemos construir uma realidade mais plena, ainda que em um mundo retorcido e variado que traz o sofrimento, decepção, política injusta e até a morte, algo mais próximo do nosso ser, mas pelo ser do poeta. Neste aspecto, até a memória é para Drummond inquietude (objeto poético), pois, faz dela sua matéria poética. Podemos ver no poema “*Versos à boca da noite*,”:

Sinto que o tempo sobre mim abate
sua mão pesada. Rugas, dentes, calva...
Uma aceitação maior de tudo,
e o medo de novas descobertas [...] (2010, p.42).

O eu lírico se mostra cansado, abatido pelo tempo que o castigou, a ponto de deixá-lo com medo do novo, que é algo que está externo ao eu temeroso. Logo, estabelece relação com o de fora, com o que o abate, mas em sua condição só pode aceitar porque o tempo não lhe permite uma recusa, uma vontade própria. O tempo lhe tirou a liberdade de decisão, não permitindo seu ser romper (fazer cisão) com o tempo.

Podemos ver em Drummond esta relação com o eu imanente ao mundo, uma “linguagem do autor [...] e a relação da linguagem-objeto com o mundo” (BARTHES, 1963, p.160). Nesse sentido, pode-se estabelecer uma proximidade entre linguagem-objeto e



metalinguagem na crítica. Logo, encontra-se na crítica um “discurso sobre o discurso do outro [...] uma segunda linguagem que se exerce sobre uma primeira linguagem” (BARTHES, 1963, p.160). Temos esta primeira como o objeto da crítica, a linguagem na poesia de Drummond é o objeto da crítica, onde buscamos algo “escondido” no núcleo gauchesco de se relacionar com o mundo.

O poeta em seu lirismo retoma o passado para encontrar respostas para o estado em que se encontra, abatido, sem forças. E reflete sobre seu ser que mesmo sem conhecê-lo tenta descobrir o novo no velho, de onde pode brotar sua criança.

Há muito suspeitei o velho em mim.
Ainda criança, já me atormentava.
Hoje estou só. Nenhum menino salta
de minha vida, para restaurá-la [...] (2010, p.42).

No primeiro verso, temos um discurso que estabelece a relação com o seu interior, onde se encontra uma criança com a vida pela frente em pleno vigor, sem muitas responsabilidades com o mundo ao seu redor que é um grande “quintal,” levando a vida sem compromisso como um *gauche*. Mas, o tempo passou e aquele velho foi tomando o lugar daquele menino que hoje está cansado.

Em Drummond, podemos ver este processo em suas obras poéticas, onde o *gauche*, às vezes é deixado de lado, como em poesias em que o poeta trata sobre a política. O *gauche*, nesses momentos, deixa de ser descompromissado e reflete sobre seu ser no mundo. Mas, voltando ao velho, que está sozinho e precisa daquela “energia” da criança perdida no passado, necessita recuperar sua força e restaurar as marcas deixadas pelo tempo.

No corrimão dessa perspectiva, em Drummond, temos o paradoxo novo/velho; passado/presente, que podem ser manifestações indiretas. “Mas é o oposto que se verifica. Há nela uma constante invasão de elementos subjetivos” (CANDIDO, 1977, p.68), porém expressivas ao crítico que assume o discurso do poeta refletindo a partir do eu poético. O crítico deve refletir com a fala do poeta, para melhor aproximação do seu ser. O presente poema de Drummond tem como inquietude a memória (matéria poética) que se apresenta em sua linguagem.

Mas vem o tempo e a ideia de passado



visitar-te na curva de um jardim.
Vem a recordação, e te penetra
dentro de um cinema, subitamente [...] (2010, p.43).

Temos em sua inquietude está constância entre o tempo e o interior poético. Uma perturbação que deixa o inquieto refletindo sobre a vida, mas a vida do mundo, a sua vida torta como um mundo torto, vida curta que encontra “*pedra no meio do caminho*”, e se sente perdido sem respostas, sem nada, como um “*José*” qualquer sem identidade. Mas, mesmo sem forças, resta-lhe por enquanto a memória, sua matéria de vida.

E as memórias escorrem do pescoço,
do paletó, da guerra, do arco-íris;
enroscam-se no sono e te perseguem,
à busca de pupila que as reflita [...] (2010, p.43).

A memória - matéria poética impregnada no eu - é uma inquietude que o poeta traz para sua reflexão sobre a relação ser e mundo. O tempo está no mundo e o ser está submerso ao tempo no mundo, mas a memória está apenas no ser que por meio dela faz conexões com o passado e o presente. Assim, pode-se ter a relação ser e mundo; e ser consigo mesmo no discurso poético. Evidencia-se que:

Eles desenvolvem uma meditação de idade madura sobre a insatisfação do indivíduo consigo mesmo, a nostalgia de um outro eu que não pode ser e a perplexidade que leva a explorar o arsenal da memória, a fim de elaborar com ela uma expressão que, sendo uma espécie de vida alternativa, justificasse a existência falhada, criando uma ordem fácil, uma regularidade que ela não conheceu. (CANDIDO, 1977, p.99).

Na inquietude da memória a busca do eu se encontra na descoberta de uma vida “alternativa.” Logo, a forma na poesia “é a expressão da relação axiológica...” (BAKHTIN, p. 50). Temos nos poemas apresentados aqui a possibilidade dessa relação, que se mostra em um indivíduo ou em vários, onde no outro lado temos o espaço social. O poeta entende que a relação do ser com o mundo é importante porque o seu ser está enraizado em uma poesia terrena que implica a difícil separação entre ser e mundo.

Considerações finais



Em Drummond, pode-se evidenciar a busca do ser e sua relação com o mundo. Logo, o indivíduo é maltratado, influenciado e vítima de ações sociais como o pobre leiteiro. Marcas que podemos ver em Cabral, na vida severa que castiga, assim como os olhos da sociedade que não lhes dão o menor valor.

O poeta que vê e sente a realidade, no caso de Drummond por viés social, busca na sua forma poética dar vida e voz ao ser no mundo. Candido chama de inquietude essa forma expressiva do poeta.

Logo, a inquietude em Drummond tenta estabelecer relação com o mundo que é entendido como objeto poético. Aquilo que é inquietude vai ao seu fazer artístico se transformando em poesia, deixando de lado aquela primeira realidade ao fazer uma nova realidade.

Portanto, Drummond traz em suas poesias questões sociais e levantamentos de visão do interior humano, enquanto indivíduo que recebe e faz alterações no mundo, que para ele é torto, fazendo do homem um ser torto.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. **Antologia poética** (organizada pelo autor). Prefácio, Marco Lucchesi. – Rio de Janeiro: Record, 2010.
- BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e de estética a teoria do romance**. São Paulo: 2ª ed. Hucitec, 1990.
- BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Prefácio Leyla Perrone Moisés: tradução Mario Laranjeira; revisão de tradução Andréia Stahel M. da Silva. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.
- CÂNDIDO, Antônio. A vida em resumo. in **O observador literário**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.
- _____. **Vários escritos**. São Paulo: Duas Cidades, 1977.
- LUKÁCS, Georg. **A teoria do romance: um ensaio histórico-filosófico sobre as formas da grande épica**. Tradução, posfácio e notas de José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.
- MELO NETO, João Cabral de. **Poemas para ler na escola**. Seleção e apresentação Regina Zilberman. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2010.



PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Ensaio 45 texto, crítica, escritura**. São Paulo: Editora Ática, 1993.

